

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 8 | Nº 23 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5610311>



REVÉS ESTADUNIDENSE E O ÊXITO DO TALIBÃ: QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS DO NOVO CAPÍTULO DA HISTÓRIA AFEGÃ PARA OS PAÍSES DA ÁSIA CENTRAL?

Jonathan Christian Dias dos Santos*

Resumo

Após duas décadas em território afegão os Estados Unidos da América e os seus aliados partiram do país em agosto de 2021. Para trás, deixaram muitas incertezas e desafios a uma região com vasta bagagem cultural e uma posição geográfica estratégica que a torna historicamente cobiçada por diversos atores geopolíticos. Este ensaio tenta refletir sobre os desafios que a Ásia Central possui com a nova fase vivenciada no Afeganistão, país vizinho e que novamente encontra-se sob o poder do grupo Talibã.

Palavras chave: Ásia Central. Geopolítica. Talibã.

Abstract

After two decades on Afghan territory the United States and its allies departed the country in August 2021. They left behind many uncertainties and challenges for a region with vast cultural baggage and a strategic geographical position that has historically been coveted by various geopolitical actors. This essay attempts to reflect on the challenges that Central Asia has with the new phase experienced in neighboring Afghanistan, which is again under the power of the Taliban group.

Keywords: Central Asia. Geopolitics. Taliban.

No dia 11 de setembro de 2001 o mundo assistiu atônito uma série de atentados ao território dos Estados Unidos da América, uma das maiores potências econômica e militar do Planeta. O simbolismo dos ataques ficou registrado nos alvos daquela manhã: o *World Trade Center*, em Nova Iorque (coração financeiro) e o Pentágono (âmago da defesa), em Washington. A partir dali os estadunidenses começaram uma busca por vingança contra um velho conhecido, criado por eles próprios décadas antes, que já havia mostrado em outras ocasiões sua capacidade de se articular em rede e sua operacionalização em fronteiras estrangeiras: a *Al-Qaeda*.

Entre o dia dos fatos ocorridos até a invasão ao Afeganistão (sucedida no dia 7 de outubro de 2001), passaram-se algumas semanas de intensos debates, entre os congressistas do país, sobre a ampliação do uso de força militar por parte do presidente, na época, George W. Bush (Republicano). A concessão de maior poder sobre o emprego das forças armadas ao Chefe de Estado foi aprovada (apenas uma deputada foi contra - Barbara Lee) e Bush autorizou a operação cujo objetivo era localizar o principal mentor dos atentados: Osama bin Laden (um dos líderes da *Al-Qaeda*).

* Graduado em Geografia. Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Email para contato: Jonathan_christian95@hotmail.com



Com a certeza de que bin Laden se refugiava em território afegão, começava naquele outubro um capítulo da história que não fazíamos ideia o rumo que tomaria. Enquanto estavam ocupando o país, Washington enfraqueceu o Talibã (que fornecia suporte a *Al-Qaeda*), promoveu um governo alinhado aos seus interesses e tentou participar ativamente na reconstrução do Afeganistão. O alvo dos EUA foi morto em 2011, no Paquistão. Entretanto, as tropas permaneceram no país por mais 10 anos, se retirando oficialmente – com cenas igualmente chocantes as protagonizadas 20 anos antes: pessoas despencando do trem de pouso dos gigantes *Boeings C-17 Globemaster*, na tentativa desesperada de fugir do país após a (re) ascensão do Talibã ao poder – no dia 30 de agosto de 2021.

O *Watson Institute for International and Public Affairs*, da *Brown University*, estimou que nos últimos 19 anos (2002-2021) cerca de 46 mil civis e 2 mil soldados estadunidenses foram mortos como consequência direta da Guerra no Afeganistão, além do financiamento, por parte da *Central Intelligence Agency* (CIA), de milícias envolvidas em abusos de direitos e assassinato de civis. Aos cofres públicos dos EUA estima-se que o conflito tenha custado \$2,3 trilhões ao longo dos anos (WATSON INSTITUTE FOR INTERNATIONAL AND PUBLIC AFFAIRS, 2021). Este esforço não impediu o desmoronamento do governo de Ashraf Ghani, a queda de Cabul e uma sequente instabilidade na região - historicamente inóspita à política externa estadunidense.

Logo ao lado, os países da Ásia Central – que detêm fortes laços culturais e econômicos com os afegãos – começaram a sentir, em junho de 2021, os efeitos da saída estadunidense e de seus aliados. Naquele mês, o Talibã capturou uma das principais passagens do país (*Shir Khan Bandar*) com o Tadjiquistão (AL JAZEERA, 2021). O mesmo destino teve, no mês seguinte, o vilarejo de *Torghundi*, na fronteira com o Turcomenistão (BBC, 2021). Em agosto, o ministro da defesa da Federação Russa, Sergei Shoigu, já afirmava que a fronteira norte do Afeganistão (com o Uzbequistão e com o Tadjiquistão) encontrava-se em total controle do grupo (REUTERS, 2021a). Em simultâneo, os russos (que possuem bases no Tadjiquistão e Quirguistão) conjuntamente com as forças tadjiques e uzbeques começaram a realizar exercícios militares (TASS, 2021).

As consequências para os países da Ásia Central se acentuaram conforme a retirada das tropas estrangeiras acelerava. A primeira delas é a crise humanitária ocorrida nos últimos meses. O que antes não interferia internamente em seus territórios, modificou-se com a debandada dos militares e milhares de refugiados que buscaram alocar-se no Uzbequistão, Tadjiquistão e Quirguistão para proteger-se de possíveis represálias do Talibã.

No Uzbequistão, por exemplo, diversas pessoas (principalmente afegãos de etnia uzbeque) lotaram a *Dustlik Bridge* em busca de refúgio no país (PUTZ, 2021). Posteriormente diversos homens da Força Aérea Afegã (AAF, na sigla em inglês) voaram com os seus equipamentos em direção ao



território uzbeque – um A-29 Super Tucano da AAF chegou a ser abatido pela Força Aérea Uzbeque (ANADOLU AGENCY, 2021).

O mesmo ocorreu no Tadjiquistão, quando diversos de afegãos (maioria da etnia tadjique), se direcionaram a fronteira tadjique-afegã em busca de ajuda. O ministro do interior tadjique, Ramazon Rakhimzoda, chegou a afirmar que o país havia reservado 70 hectares de terra para abrigar os refugiados, mas que não possuía infraestrutura suficiente para acolher todos (REUTERS, 2021b). Já o Quirguistão, recebeu estudantes afegãos, especialmente mulheres, para poderem dar prosseguimento a sua formação acadêmica (OPEN SOCIETY UNIVERSITY NETWORK, 2021).

Apesar destes fatores, boa parte dos afegãos estão longe de escolher a Ásia Central como moradia fixa. Segundo dados do Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), a maior parte dos refugiados estão concentrados no Paquistão e no Irã, além de uma pequena parte ter sido repatriada (UNHCR, 2021). Neste sentido, os territórios centro-asiático são uma espécie de países intermediários. A partir deles os sujeitos procuram alcançar locais como a Turquia e outros países do continente europeu.

A segunda consequência do atual cenário afegão para os centro-asiáticos é comercial. Nos últimos 20 anos, o Turcomenistão, Cazaquistão, Uzbequistão e Tadjiquistão se empenharam em estabelecer laços econômicos mais estreitos com Cabul. O Afeganistão, inclusive, é parte fundamental para muitos dos projetos que esses países possuem. Por isso existe um esforço muito grande dos atores da Ásia Central em manter o Afeganistão associado às redes e projetos de cooperação que se desdobram na região (como o *CAREC 2030*, *Lapis Lazuli corridor*, *Belt and Road Initiative* e outros).

Para o Turcomenistão, por exemplo, o território afegão é fundamental para o projeto do gasoduto *Turkmenistan–Afghanistan–Pakistan–India* (TAPI), idealizado na década de 1990, durante o governo de Saparmurat Niyazov, mas que ainda não foi finalizado. Esse projeto para os turcomenos é essencial, pois está diretamente ligado à construção de gasodutos multivetoriais e expansão de mercados consumidores do seu gás natural, cujo país possui a quarta maior reserva do mundo (WORLD BANK, 2021).

Para o Uzbequistão e o Tadjiquistão, o Afeganistão é um grande mercado consumidor de energia elétrica. Estima-se que o país gaste anualmente \$300 milhões com a compra de energia dos países vizinhos, devido aos problemas de infraestrutura e a baixa capacidade que possuem na geração de energia elétrica para consumo nacional (TOLONEWS, 2021). Nos últimos anos os uzbeques apoiaram a construção de linhas elétricas ligando os dois países, possibilitando o acréscimo de *megawatts* vendidos aos afegãos (EURASIANET, 2018a). Já os tadjiques, que nos últimos anos investiram massivamente na



construção da hidrelétrica de *Roghun*, tem como o seu principal elo econômico com Cabul justamente o setor energético.

Em 2017, o país exportou para o Afeganistão 1,3 bilhão de *kilowatt-hora*, gerando um lucro de \$50 milhões (EURASIANET, 2018b). Em 2020, 65% do comércio realizado entre os tadjiques e afegãos corresponderam à venda de energia elétrica. Todavia, com a oposição do governo tadjique aos Talibãs, é existente um grande receio de Dushanbe que a compra não seja devidamente paga nos próximos meses (IBRAGIMOVA, 2021). O impasse é: os tadjiques precisam de dinheiro. Os afegãos de energia. Ambos buscam evitar o aprofundamento da crise econômica e social em seus respectivos países, já fragilizados pelos desfechos da pandemia da Doença do Coronavírus 2019 - COVID-19 (SENHORAS, 2020).

O Cazaquistão estava preocupado com a venda de *commodities* (grãos de trigo e farinha) para o Afeganistão. Segundo a Qaztrade (2021a), 61% da farinha produzida em território cazaque é vendida para os afegãos, os colocando como os maiores clientes. Já com os grãos de trigo, em 2020, o Afeganistão foi o 4º maior cliente (ficando atrás do Uzbequistão, da China e do Tadjiquistão), importando 14,2 mil toneladas do produto cazaque (GAZTRADE, 2021b). Portanto, Cabul é um cliente relevante para os cazaques, além de ser um dos cinco maiores consumidores de bens agrícolas produzidos nas fazendas do Cazaquistão.

Entretanto, com a tomada de poder por parte do Talibã, os Estados Unidos, e os organismos a eles alinhados, bloquearam os fundos a qual o Afeganistão tinha acesso (NELSON; RAPPEPORT, 2021). Deste modo, o grupo ficou sem recursos e poder de negociação para manter a agenda comercial do país em atividade. Em setembro, o enviado do Ministério das Relações Exteriores do Cazaquistão ao Afeganistão, Alimzhan Esengeldiev, se encontrou com o Ministro das Relações Exteriores do Talibã, Amir Khan Muttaqi, para discutir o retorno das importações e uma possível ajuda humanitária. No começo de outubro, o Cazaquistão anunciou que todos os problemas haviam sido solucionados e regressou com a exportação das *commodities* para o Afeganistão (NURMAGANBETOVA, 2021).

Por fim, a última consequência está diretamente ligada à questão de segurança regional. A Ásia Central faz parte de duas grandes plataformas de cooperação que buscam criar uma zona de estabilidade no espaço da Eurásia: a Organização para a Cooperação de Xangai (OCX) e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC). Através desses dois organismos, China e Rússia procuram dialogar e desenvolver um espaço de influência regional que consiga reprimir as intenções das forças ocidentais presentes no Afeganistão até este ano. Essas intenções podem ser compreendidas como um arco de contenção dos russos e chineses, começando com as forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) estacionadas no Leste Europeu até a presença militar estadunidense no Oceano Pacífico.



Além das questões envolvendo a disputa de poder entre a China-Rússia e EUA-OTAN, o retorno do Talibã ao poder no Afeganistão também acende algum alerta aos países da Ásia Central, aos chineses e aos russos. Ainda que a possibilidade de uma “visão radicalizada” do islamismo adentrar no antigo espaço soviético seja remota, devido ao distinto desenvolvimento estatal e político que estes países tomaram em relação ao Afeganistão, as ameaças são existentes e colocam em risco as múltiplas redes de transporte e de extração de recursos que estão sendo construídas na Ásia Central.

A própria formação das fronteiras e identidades nacionais daquela região é um dos fatores contribuintes para a presença de grupos “insurgentes” que reivindicam independência e a criação de novos Estados com base em preceitos culturais distintos aos já existentes. Alguns destes grupos, como o Partido Islâmico do Turquestão (acusado por Pequim por uma série de atentados no território chinês, especialmente em Xinjiang onde se localiza uma das mais importantes Zonas Econômicas Especiais (ZEE), *Jamaat Ansarullah* (com raízes na Guerra Civil Tadjique, ocorrida na década de 90) e o Movimento Islâmico Uzbeque, estariam atualmente operando conjuntamente com o Talibã no Afeganistão (AHMADI; NAJIBULLAH, 2021; STANDISH, 2021).

Para os russos e chineses, o reaparecimento destes grupos representam um risco aos seus contornos territoriais estatais e os recursos presentes em seus interiores. Os territórios são mutáveis e possuem diversos atores que disputam o controle do seu poder, e no caso da Rússia e China ambos possuem regiões sensíveis que tendem a manifestar tal disputa. No caso chinês, já citamos a região de Xinjiang, que além de concentrar uma ZEE, também possui reservas de recursos minerais. No caso russo, a preocupação está no Cáucaso, que além de já ter sido afetado por duas guerras na década de 90, também detém uma concentração de grandes jazidas de petróleo.

Para os centro-asiáticos, esses grupos além de colocarem em xeque a unidade territorial e o poder político, representam uma ameaça também aos investimentos e infraestruturas desenvolvidos nos últimos anos, especialmente pelos chineses no contexto da BRI. Uma região instável dificilmente será atrativa para as empresas e a construção/ manutenção de múltiplas ferrovias, gasodutos e rodovias iniciadas nos últimos anos; e dificultam o fortalecimento da posição de território de passagem entre oriente e o ocidente que alguns países da Ásia Central vêm tentando estabelecer, na última década, após anos com ligações quase restritas aos países da antiga União Soviética (RASHID, 2000).

Para manter essa estabilidade, além de estarem promovendo exercícios militares trilateralmente (como os russos, uzbeques e os tadjiques), russos e chineses também acionaram a OCX, através da *Peace Mission 2021* (com a participação dos membros da organização) para melhor articular uma possível resposta nas fronteiras da Ásia Central com o Afeganistão. Além disso, a modernização dos equipamentos militares nas forças centro-asiáticas tem sido outro caminho utilizado. Em 2019, os russos



já haviam empregado o S-300 (sistema de mísseis terra-ar) em suas bases posicionadas em territórios centro-asiáticos (WARSAW INSTITUTE, 2020) e neste ano, após o rápido avanço do Talibã, reforçou o envio de armamento para o Tadjiquistão (USNEWS, 2021). Os chineses, desde 2014, também mantêm o envio de material militar para a Ásia Central (KUCERA, 2014).

Até mesmo o Turcomenistão, que mantém a permanente neutralidade e não integra nenhum dos dois blocos citados, reforçou a sua força aérea. Recentemente o país adquiriu aeronaves EMB-314 Super Tucano (ou A-29), da brasileira Embraer, e o veículo aéreo não-tripulado (VANT) *Bayraktar TB2*, produzidos na Turquia. Este último foi revelado durante as festividades em comemoração aos 30 anos de independência do Turcomenistão, ocorridos em setembro de 2021.

O Afeganistão é importante para os países da Ásia Central por variados motivos. A ligação cultural, sem dúvidas, é um fator importante, mas as relações comerciais são tão fundamentais quanto. O território afegão é uma área de passagem dos países centro-asiáticos para o Sudeste Asiático. Através dele, novas possibilidades comerciais estarão disponíveis para o Cazaquistão, Uzbequistão e Turcomenistão. A estabilidade afegã, além de ser fundamental para evitar a disseminação do terrorismo no espaço da OTSC, OCX e BRI, é essencial para o crescimento econômico, integração regional e desdobramentos no compartilhamento cultural, tecnológico e educacional entre os atores supracitados. Sigamos atentos aos voláteis ventos que sopram do Oriente!

REFERÊNCIAS

AL JAZEERA. “Taliban captures Afghanistan’s main Tajikistan border crossing”. **Al Jazeera** [22/06/2021]. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

ANADOLU AGENCY. “Uzbekistan shots down fleeing Afghan military plane”. **Anadolu Agency** [16/08/2021]. Disponível em: <<https://www.aa.com.tr>>. Acesso em: 16/10/2021.

BBC. “Taliban capture key Afghanistan border crossings”. **BBC** [09/07/2021]. Disponível em: <<https://www.bbc.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

EURASIANET. “Uzbekistan Begins Building Power Line to Afghanistan”. **Eurasianet** [26/03/2018a]. Disponível em: <<https://eurasianet.org>>. Acesso em: 16/10/2021.

EURASIANET. “Tajikistan: Roghun to Begin Producing Power on President’s Day”. **Eurasianet** [01/02/2018b]. Disponível em: <<https://eurasianet.org>>. Acesso em: 16/10/2021.

IBRAGIMOVA, K. “Tajikistan hopes Taliban foes pay for power”. **Eurasianet** [06/10/2021]. Disponível em: <<https://eurasianet.org>>. Acesso em: 16/10/2021.

KUCERA, J. “China Boosts Military Aid to Kyrgyzstan, Tajikistan”. **Eurasianet** [04/09/2014]. Disponível em: <<https://eurasianet.org>>. Acesso em: 16/10/2021.



NAJIBULLAH, F.; AHMADI, A. “Taliban Said to Have Rearmed Tajik Militants and Moved Uyghur Fighters from Chinese Border”. **Radio Free Europe/Radio Liberty** [04/10/2021]. Disponível em: <<https://gandhara.rferl.org>>. Acesso em: 16/10/2021.

NELSON, E.; RAPPEPORT, A. “U.S. and I.M.F. Apply a Financial Squeeze on the Taliban”. **New York Times** [18/08/2021]. Disponível em: <<https://www.nytimes.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

NURMAGANBETOVA, Z. “Kazakhstan resumes grain and flour deliveries to Afghanistan”. **Kazinform** [14/10/2021]. Disponível em: <<https://www.inform.kz>>. Acesso em: 16/10/2021.

OPEN SOCIETY UNIVERSITY NETWORK. “Afghan Students Reach Kyrgyzstan After a Risky Journey”. **Open Society University Network** [14/10/2021]. Disponível em: <<https://opensocietyuniversitynetwork.org>>. Acesso em: 16/10/2021.

PUTZ, C. “Uzbekistan and Tajikistan Hedge on Afghan Refugees”. **The Diplomat** [31/08/2021]. Disponível em: <<https://thediplomat.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

QAZ TRADE. “Analysis of the Current State of Flour and Pasta Export”. **QazTrade** [2021a]. Disponível em: <<http://qaztrade.org.kz>>. Acesso em: 16/10/2021.

RASHID, A. **Taliban: Islam, oil and the New Great Game in Central Asia**. New York: I.B. Tauris & Co Ltd, 2000.

REUTERS. “Tajikistan can't afford to take in Afghan refugees without help police chief”. **Reuters** [02/09/2021b]. Disponível em: <<https://www.reuters.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

REUTERS. “Taliban take control of northern Afghan borders, Russia says”. **Reuters** [11/08/2021a]. Disponível em: <<https://www.reuters.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

SENHORAS, E. M. “COVID-19 e os padrões das relações nacionais e internacionais”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 7, 2020.

STANDISH, R. “Taliban 'Removing' Uyghur Militants from Afghanistan's Border with China”. **Radio Free Europe / Radio Liberty** [05/10/2021]. Disponível em: <<https://www.rferl.org>>. Acesso em: 16/10/2021.

TASS. “Russia-China-led bloc kicks off anti-terror drills in Urals”. **Tass** [20.09.2021b]. Disponível em: <<https://tass.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

TASS. “Russian, Tajik, Uzbek troops to practice fighting terrorists in drills near Afghan border”. **Tass** [28/07/2021]. Disponível em: <<https://tass.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

TOLO NEWS. “Imported Power from Uzbekistan Increases to 400MW”. **Tolo News** [11/01/2021]. Disponível em: <<https://tolonews.com>>. Acesso em: 16/10/2021.

UNHCR. “Afghanistan Situation”. **United Nations High Commissioner for Refugees**. Disponível em: <<https://unhcr.org>>. Acesso em: 16/10/2021.

USNEWS. “Russia Says Boosts Arms Supplies to Central Asia Amid Afghan Conflict”. **US News** [05/08/2021]. Disponível em: <<https://www.usnews.com>>. Acesso em: 16/10/2021.



WARSAW INSTITUTE. “Russia Strengthens Its Military Bases in Central Asia”. **Warsaw Institute** [14/02/2020]. Disponível em: <<https://warsawinstitute.org>>. Acesso em 17/10/ 2021.

WATSON INSTITUTE FOR INTERNATIONAL AND PUBLIC AFFAIRS. “U.S. Costs to Date for the War in Afghanistan, in \$ Billions FY2001-FY2022”. **Watson Institute for International and Public Affairs** [08/2021]. Disponível em: <<https://watson.brown.edu>>. Acesso em: 16/10/2021.

WORLD BANK. “Overview”. **The World Bank in Turkmenistan**. Disponível em: <<https://www.worldbank.org>>. Acesso em: 16/12/2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 8 | Nº 23 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal do Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima